

# O NEGRO NO RIO GRANDE DO SUL

---

Dante de Laytano\*

---

---

## TERCEIRA PARTE – ASPECTO FOLCLÓRICO – CICLO DO NEGRO NAS LENDAS DO RIO GRANDE DO SUL

Teschauer estranha que é vasto o ciclo do negro nas lendas do Rio Grande e que apenas conseguiu colher uma – a da Andorinha.

Justamente, a nossa lenda mais autêntica, ou como querem uns, a única realmente gaúcha, é a do Negrinho do Pastoreiro, que se liga ao ciclo da escravidão, mas, pela sua feição pastoril, deve ser incluída no Ciclo do Cavalo.

O Negrinho perde uma carreira de cavalos e assim paga com a vida. Mas não teve de cuidar a tropilha de cavalos do senhor? É nítida história do ciclo do cavalo.

Santa Josefa, que não é santa, mas uma Negrinha, também cabe no ciclo do negro. A tessitura mística é visível na formação da lenda e dessa maneira ela fica ainda no ciclo da Religião.

Os nossos regionalistas não esquecem de dar atenção a uma personagem africana imaginária e temos Eurico Aquino nos *Gaúchos com Culepe*, Pereira Fortes na *Marcação*, com o *Negrote*, Ciro Martins em *Campo Fora*, com o *Negro Jacinto*, Gevaldino Ferreira na *Tapera da Saudade*, com o *Sorongo*, Aplicina do Carmo Na *Minha Torre de Legendas* com *Negrinho*, Nogueira Leiria em *Campos de Areia*, com *Negro*, etc.

Quase todos os autores vão ao assunto, o que é fácil, sim, verificar-se até onde chega a invenção na descrição da lenda, credence ou superstição.

---

\* Professor emérito da PUCRS. Historiador e Folclorista.

Vê-se, então, que, muito pelo contrário, existe uma incidência do negro na literatura gauchesca, e este tema provém, em última hipótese, da abundância do material folclórico que as populações africanas herdaram de seus antepassados.

*Ressuscitado* – Lenda Negra registrada, por Apolinário Pôrto Alegre, no *Vaqueano*.

"O pai curruíra, filhos do reino de Benin, acaba de morrer com noventa e três anos, pelos cálculos de seus companheiros. Morreu, e a tristeza não se estereotipa nos rostos azevichados da cafraria; a angústia e o alarido de carpideiras não cercam o corpo do finado, como última homenagem a seus restos. Ao contrário, o urucongo e o bujamé despedem sons festivos. Cada matrona e cada rapariga se enastrou do melhor que pôde. Colares e manilhas de missangas e de coral e vidrilho com caurins entremeados ou pendentos lhes cingem a garganta e os pulsos, fazendo ao reflexo variegado realçar o ébano da cútis. O candomblé deslaçado em meneios lascivos, o canto de diapasão áspero e monótono o cortejo mortuário em roda do cadáver.

Presidia a festa, que simulava estranha macabra de vampiros ou bruxas, Maria a Conga, quem a senzala venerava como rainha ou fetiche de um culto profundo.

– Mãe Maria, perguntou um crioulo vivo, e esperto como um demônio, traquina como todo o moleque, por que o branco chora quando morrem os seus e o negro ri?

– O negro, respondeu a respeitável veterana, passando a máscara de fumo de um lado para o outro da bochecha, morre aqui para viver na África. Vai ver o berço em que nasceu debaixo das tamareiras e bobahs, vai correr as areias em que brincou no tempo de criança, vai ver a pátria.

O crioulo arregalou ao princípio, os olhos, pensou por instantes e, em seguida, coçando, a sacudiu em ar de dúvida.

Quem morre, então vive depois? ajuntou.

– Não crês, menino? Vou contar o que aconteceu ao irmão Inhambané.

– Mãe Maria vai contar uma história! Hih! Hih! Hih! Venham ouvir.

E de contente, saltava como um cabrito. Logo um cardume de cabeças infantis e alegres, mostrando os dentes alvos como as presas do elefante, com as pupilas de gazela avivadas pela curiosidade, ferveu em torno da velha negra.

Músicas e cantos e danças sustaram.

Todos quiseram ouvir a palavra do oráculo de suas crianças, da pitonisa africana que guardava no coração as memórias da pátria distante. Mãe Maria tomou um cepo junto o fogo. Os mais cruzaram as pernas no chão de argila, pousando o cotovelo sobre elas e a face sobre a mão. É a atitude de quem quer ouvir atentamente.

Em pouco nem o mais leve ruído saía do círculo de gente, cujo centro era a veneranda Maria. Até a respiração parecia estar sofreada.

Ela começou pausada como a prudência, solene como um mistério:

– Muitos anos já vão, filhos, desde o tempo em que Inhambané, junto as águas de Cuanza, fazia guerra aos homens do outro lado do mar! Muito! Quantas vezes já as árvores não despiram as folhas?

– Quem era Inhambané, mãe Maria? Quem era Inhambané, perguntaram em côro.

Rei e senhor de Gassange... A velha que fala agora, não era como vêm. Hoje está curvada ao peso dos anos, não caminha, nem pode trabalhar... Oh! Naqueles tempos! Bons tempos em que tinha por cama finas esteiras de Loanda, e vestia lindas roupas de pele e tinha os caurins do mar e pisava o tibar, ambição do branco. Então meu corpo era direito como a palmeira, ligeiro como o gamo dos montes de Kong... Ah! bons tempos de Cassange que Maria há de tornar a ver!

Bons tempos de Cassange! Bons tempos! Repetia a multidão com a fidelidade de um eco, quando ela curvava a fronte senil no seio das recordações e nas saudades do berço.

Depois de instantes de místico recolhimento, prosseguiu:

Os homens do outro lado do mar venceram a Inhambané, o guerreiro, o valente, a esperança de Cassange. Ele foi preso, ligado e vendido para as terras dos Brasis.

– Mau branco! Mau branco! Rumorejavam os ouvintes com assomos de ódio.

– Inhambané teve um ruim senhor que amou a mulher do cativo e quis tomá-la.

Era Kuniah, formosa entre as formosas. E Kuniah resistiu, porque tinha um coração que não era dela, era de Inhambané seu senhor e seu rei e pai de seus filhos. Kuniah resistiu e teve o corpo cortado ao açoite e foi vendida longe dos filhos e do marido, a alegria e sol de sua vida.

– Que dor, mãe Maria! Que dor! Gemia a turma.

– Inhambané teve uma tempestade aqui, e a velha pôs a mão rugosa sobre o peito, feriu o perseguidor de Kuniah. Pobre rei! Foi levado ao

tronco como o último dos servos, o laço regou suas carnes, o sangue do príncipe de Cassange ensopou a terra do cativo.

– Ah! quizília de branco! E a cafraria saltava de pé trêmula e fula de cólera, o olhar ardente e sangüíneo, as faces crispadas pelo ódio e desejo de vingança, o gesto saturado de ameaças.

– Filhos, silêncio! E desatou um ademão imperativo para que sentassem.

Tudo voltou a imobilidade das cariátides no sopé do antigo monumento.

– O rei da Cassange sofreu muito... muito! Desesperado procurou jerivá que recordava a pátria, em suas palmas, subiu até o olho do coqueiro, atou um cipó e enforcou-se.

– Pobre Inhambané! Murmuraram em tom pungente.

Feliz! Feliz! repeti, filhos... E atirava longe de si a masca com um movimento de inspirada.

Todos a fitaram pasmados.

Ela continuou:

– Ninguém viu dependurado o príncipe, sem chorá-lo, quando foram no outro dia buscar o corpo para enterrar, tinha desaparecido.

– Tinha desaparecido?! Perguntaram boquiabertos.

É verdade, Inhambané tinha dormido nas terras do cativo para acordar nas terras da pátria.

– Quem viu? interrogou o crioulo que dera motivo a narração.

– Maria viu, menino. Era de madrugada. Maria ainda livre, ia banhar-se nas águas do Cuanza. Então, Inhambané saía dentre as palmas de uma tamareira, contemplava como um sonho o país que há tanto deixara e vinha de novo possuir. Desceu e começou uma guerra de morte contra seus inimigos.

Esperemos, filhos. O pai curruíra foi hoje, amanhã nos iremos. Quem diz é mãe Maria...

Assim concluiu.

– Amanhã, nós iremos... nós iremos, repetiram com profunda fé.

Por momentos trataram do caso, sem comentários, e em seguida foram renovar com mais entusiasmo as festas em torno do finado.

Eis o que a escrava narrara ao pequeno José Avençal, pouco mais ou menos.

Era uma cena a que há pouco assistira nos galpões da senzala.

*Lagoa da Pinguela* – Três penínsulas, a do Palmitar, Posta da Ilha e Pontal do Morro Alto dividem a lagoa da Pinguela, que está no 1º distrito de Osório, em três partes, denominando-se, respectivamente, a parte do centro de lagoa de Palmitar ou Morro Alto, a do sul, propriamente Pinguela e a do Norte, lagoa das Malvas.

Quando rebentou a Revolução Farroupilha, em 1835, proprietários da região, muito assustados com a possibilidade de perderem aquilo que tinham ganho à custa dos outros ou possivelmente por si mesmo, o que é um pouco duvidoso, mandaram dois negros atravessar a lagoa para esconder, em lugar bem seguro, o seu dinheiro, e, o que é de estranhar-se, também roupas.

Embarcaram, do lado do Morro Alto, dois pretos, numa canoa, dispostos, sem dúvida prevendo as más conseqüências, a cumprirem as determinações dos patrões, embora o terrível vento reinante tornasse a travessia de fato perigosa como o foi, pois a canoa não resistiu e virou na altura da Ponta da Ilha, naufragando os dois negros de quem nunca mais se teve notícias.

Entretanto, moradores daquele local garantem, ainda hoje, que em dias bonitos, quando o céu é azul e as águas da lagoa são brancas digo mais brancas do que nunca, descortina-se, no mesmo lugar do desastre, uma canoa com dois remadores, a deslizar suavemente pelo meio da lagoa.

Mas a lenda ainda tem outra versão: os dois negros escravos foram transformados em patos claríssimos e assim a canoa e os homens viraram a bichos ou menos graciosos que, de vez em quando, aparecem nadando pela lagoa, mergulhando reaparecendo até se confundirem no horizonte, voltando, afinal, em certas épocas, mas escolhendo de preferência os dias bonitos.

*Lagoa Negra* – Stenzel conta, na "Vila da Serra", a lenda da lagoa Negra.

Um escravo negro, depois de longo martírio, a que continuamente o submetia seu senhor, desesperado toma a resolução de acabar com tanto sofrimento. Foge. Erra de quebrada em quebrada, de colina em colina, surge furtivamente em uma praia deserta para logo entranhar-se pelos matos próximos, e, afinal, depois de muito caminhar, já fatigado, esbarra, do lado de cá do Pinguela, com a triste e silenciosa lagoa Negra.

É pequena, e suas águas, sob a sombra das florestas que a rodeiam, têm a cor indicativa do seu nome.

Senta-se.

No seu cérebro de ser pensante perpassa as dores sofridas, a dolorosa condenação a que está sujeita a sua raça, e a impossibilidade em que se acha de reagir. Voltar para a casa de seu senhor é continuar o seu longo martirológico; prosseguir fugido é, além do perigo de ser pegado, um outro martírio também.

Resolve.

Lança um olhar ao redor e seus olhos descobrem instintivamente uma copada figueira, cujos ramos verdejantes como que beijam a fimbria do líquido sudário.

Levanta-se, dá alguns passos, procura e acha uma corda.

Atira-se para um galho, e depois dela presa neste, amarra a outra ponta ao pescoço, abaixa os braços, encolhe as pernas, e... fica dependurado.

Está morto.

Conta a tradição, porém que desse momento em diante canoas brancas cruzam a lagoa em diversas direções, enquanto luzes misteriosas brilham nas florestas marginais, e que o mesmo negro ora embarcado nessas canoas, ora a pé ou trepado pelas árvores, aparece naquelas paragens, cantando melancólicas canções.

*Pai Manoel* – Pai Manoel é o nome do Sangradouro que liga a lagoa de Tramandaí à lagoa de Custódias.

Este sangradouro rompeu-se em 1907, por ocasião de uma grande enchente. Havia ali, anteriormente, apenas um pequeno córrego que somente com fortes chuvas apresentava alguma água. Acontecia que um negro velho, o Pai Manoel do Arroio – contemporâneo da guerra de 35, havia passado para Tramandaí pela manhã, quando não existia, ainda, o Sangradouro, embora devido à enchente, as águas do córrego estivessem muito crescidas. Pela noite, quando voltou, meteu o cavalo no passo, sem preocupação alguma, mas por infelicidade, exatamente no ponto onde se havia formado um grande poço com o rompimento do novo rio. Pereceram afogados ele e o animal que montava. Com esse triste acontecimento recebeu aquele novo Sangradouro o seu batismo: "Pai Manoel", segundo o autor do "Pequeno Dicionário Histórico e Geográfico do município de Osório, Manoel Mattos.

*Andorinha* – Teschauer colheu esta lenda africana, que circula no Rio Grande, também.

"Andorinha, representada por treze espécies no Brasil, se goza da popularidade européia, é sempre considerada amiga da casa. Algumas mostram grande apego às habitações romanas e partilham com o camponês, sob cujo teto moram, a singeleza da roça e alegram por seu pipilar amável e segredor aprazível", diz Goeldi.

Anda em diversas partes do país uma lenda introduzida da Costa do Ouro que confirma esta relação amigável.

Imediatamente antes de deixarem os animais a Arca de Noé, a serpente mandou um mosquito para averiguar qual seria o sangue melhor. De volta da sua expedição ia comunicar-lhe que superior a todos era o sangue humano, mas estava ali uma protetora nossa a andorinha, que rápido cortou ao mensageiro a língua. A serpente, ficando assim em jejum, furiosa quis vingar-se da ave amiga dos homens, devorando-a. Felizmente, apanhando-a pela extremidade posterior, só atingiu umas penas. Desde então, tem-se notado uma falha no meio da cauda da andorinha.

A seguinte quadrinha tem-se conservado no sul do Brasil:

Andorinha do coqueiro,  
Dá-me novas de meu bem  
Meus olhos estão cansados  
De esperar por quem não vem.

Na América do Norte e na Central a andorinha (*Progne purpurea*) goza da proteção do homem que a atrai. Como costumam fazer o ninho em árvores ocas, penduram, muitas vezes, para elas, nas árvores, cabaças, nas quais hesita em aproveitar-se delas.

*Escravo que saltou a senhora* – Adalberto Pio Souto conta nas Lendas do Caverá a história que se segue:

Sob base granítica do morro do Sol, num dos cumes mais elevados da serra do Caverá, no Rosário, justamente na face voltada para o ocaso, sobressai da rocha uma grande pedra, ferve, em franco minadouro, uma puríssima água, absolutamente negra.

O líquido corre deslizando pela montanha, formando um regato murmurando, contorna o monte que lhe dá origem, e estende-se, longamente, por entre vales, mais ou menos profundos; e, depois de haver percorrido setenta quilômetros, abismam-se em grande caverna, entre

dois rochedos e ressurge ao pé de um grande lago que existe na frente de Estância da Serra.

Apesar de negra, esta água não mancha, pode-se lavar alva toalha de linho que mais limpa e alva ficará; nas mãos a tocarem não deixará cor, pássaros e os animais a podem beber sem temor.

O gosto é o comum, de todas as águas.

Dizem os vizinhos que, no local onde hoje corre o líquido cristal negro, fora, em tempos já longamente afastados, assassinado e enterrado um escravo africano, por ter evitado que seu cruel senhor batesse de látego na própria esposa.

*Pai Quati* – Em meados do século passado, um, caso curiosíssimo prendia, extraordinariamente, a atenção dos moradores dos Banhados, no segundo distrito de Santa Maria.

Era o caso que numa ou noutra estância, lá daquelas bandas, de quando em quando, era encontrada uma esteira nova, sem uso ou um balaio nas mesmas condições, objetos esses que mãos invisíveis iam à noite, ocultamente, deixar ali em lugar que fossem vistos logo pela manhã, ao começar a faina diária da estância.

De onde vinham aquêles objetos? Quem os teria trazido? Ninguém atinava. Era assim, em verdade, um caso surpreendente!

Agora, o reverso da medalha. Em tais ocasiões sempre desapareciam um facão, machado ou serrote que ficasse ao relento e, algumas vezes, uma manta de xarque que repousava no varal, ou uma ovelhinha...

É incrível! diziam todos. Na impossibilidade de ser desvendado o mistério, a fantasia popular deleitava-se em tecer, em torno do caso, estranhos comentários onde sempre o demônio entrava como figura obrigada.

A princípio, o povo, muito especialmente as mulheres, não tocavam em os objetos achados em tais condições, atribuindo o fato a artes do diabo, ou pelo menos a "feitiço" em que eram mestres os negros escravos trazidos da costa da África.

Mas com o tempo, verificando-se que as esteiras e os balaios deixados não faziam mal a ninguém, ao contrário, eram de uma utilidade evidente, a prevenção desapareceu, chegando ao ponto de algumas pessoas deixarem à noite, na mangueira, ou na frente da casa, facas, tesouras, cordas, galinhas atadas pelas pernas na esperança de ser qualquer destas coisas trocadas por uma esteira ou por um balaio.

Durante anos, estas transações foram, naquele lugar, o fato mais natural do mundo, tendo perdido seu cunho de sensacionalismo, por ter caído no domínio das coisas comuns.

Em certa ocasião andando a melar escravos em uma mata virgem, dois quilômetros mais ou menos distantes da casa da estância, perceberam que do centro da floresta elevava-se espiralando uma tênue fumaça branca.

Surpresos procurando desvendar o enigma, um dos pretos galgou a copa de uma árvore gigantesca e lançando o olhar em direção ao ponto de onde saía o fumo em novelo, descobriu uma lareira em o meio da mata espessa, em a qual negro horrendo se entretinha em preparar um assado.

Descendo comunicou a seus parceiros a descoberta, resolvendo aqueles capturar o indivíduo que, naturalmente, era algum negro fugido.

Armados até os dentes, os escravos puseram em cerco o desconhecido e, alcançando cautelosamente, caíram sobre ele subjugando-o apesar da resistência tenaz oposta pela vítima. Era um negro de proporções avantajadas e de aspecto medonho, em razão do cabelo emaranhado e pêlo hirsuto que lhe cobria a cara, onde os olhos cintilavam como brasas. Cobria-lhe o peito e as costas uma couraça de pele de quati costurada com cipó e, prendida aos quadris, uma espécie de tanga de pele do mesmo animal.

Levado à estância e apresentado o novo espécime da nossa fauna a quem logo chamaram de "Pai Quati" em razão de sua indumentária, nada foi possível apurar, de momento, pois o desconhecido não compreendia a língua portuguesa.

Chamados alguns pretos nascidos na costa da África para se entenderem com Pai Quati, um deles o compreendeu afinal. Eram ambos nascidos em Moçambique.

Foi, então explicado o mistério das esteiras e dos balaios! O caso era o seguinte: Tendo chegado o preto referido ao Rio Pardo, em uma leva de negros para serem vendidos em leilão, conseguiu ele evadir-se, atravessando sertões, rio, precipícios e banhados, lutando com as feras e as intempéries, chegou são e salvo ao 2º distrito de Santa Maria, onde, dentro da mata virgem, armou sua choupana e descansou, em termos.

Bom por índole e honesto por instinto, não queria ele roubar os utensílios de que precisava, nem a carne que comia quando lhe falhava a caça. Assim, perito que era na manufatura de cestos e esteiras, meio de vida que tinha em sua terra, dedicou-se ali, a esse mister, trabalhando, na fabricação de tais objetos para, à noite, misteriosamente, trocá-los em

uma ou em outra estância, por aquilo que achasse à mão e que lhe pudesse ser útil.

Em breve, a comovente história do Pai Quati, correndo de boca em boca, encheu a redondeza.

Todos queriam vê-lo e admirá-lo.

Uma auréola glorificadora circudou-lhe a negra fronte, compensando-lhe os dias de amargura. Livre, convencido de que não seria objeto de compra e venda, Pai Quati, começou a trabalhar de peão aqui e ali, sem nunca fixar-se definitivamente em uma estância, pois não raro abandonava tudo para ir, novamente, viver, dentro do mato caçando quatis.

Morreu de velho, passando a maior parte de suas existência, sozinho, no seio da floresta, conforme escreve João Belém.

*Escrava Honrada* – "Em 1835, quando estalou no Rio Grande, a Revolução Farroupilha, residia, no município de Santa Maria, em casa de sua propriedade, uma respeitável viúva, em companhia de sua filha, esposa de Brigadeiro, e de sua netinha.

Não querendo a prudente senhora sujeitar-se a prováveis dissabores, assistindo ao desenrolar dos acontecimentos que sobreviessem, resolveu, com sua família, emigrar para o Paraguai.

Antes, porém, chamou sua fiel escrava Felizarda e, com seu auxílio, em um grande monte de cal, que havia em depósito nos fundos da casa, cavou profundo buraco, nele enterrando uma lata com onças, em ouro em pó, custosas jóias de brilhante e outras pedras preciosas.

Feito isso, entregou a direção da casa e o "enterro" aos cuidados da escrava, partindo, em seguida, com os entes que lhe eram caros, em busca da tranqüilidade que não poderia ter em sua terra.

Passaram-se sete anos e meio sem que a dedicada escrava tivesse notícia, ligeira sequer, de sua senhora. Era mesmo impossível qualquer comunicação entre ambas, dada a anormalidade reinante na Província.

Nesse período de tempo, esteve a povoação, ora em poder dos legalistas, ora-dos rebeldes, não abandonando Felizarda um instante só, em qualquer situação, a guarda de tudo que lhe fora confiado.

Afinal, serenado o movimento revolucionário, voltaram os emigrantes à sua casa.

Chegados, o primeiro cuidado foi verificar o que era feito do seu tesouro escondido.

Achou-o intacto, tal qual ela o tinha colocado. (História do Município de Santa Maria) de João Belém.

*Cambaí* – Walter Spalding registrou a lenda.

Entre as coxilhas de Pau Fincado e Caibaté, próximo aos banhados, depois denominados de São Gabriel, na margem esquerda do Vacacaí, encontravam-se acampados os dois exércitos que deviam demarcar os limites pactuados entre Espanha e Portugal, na Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul".

Três dias após a morte de Sepé (7 de fevereiro de 1756), voltaram as tropas à carga; os indígenas foram mais uma vez derrotados, desaparecendo outro chefe: Nicolau Languiru. Caíram em poder do inimigo outros prisioneiros.

Um dos indígenas prisioneiros, que fora amigo íntimo de Sepé, de nome Ibaringã, e filho do maior dono das Missões, Valentim Ibaringã, fizera-se amigo do preto Manuel, moço ainda e apesar de todos os sofrimentos por que passara, esperto e curioso. Era de pequena estatura, por isso denominado pelos indígenas, "Cambaí" – negrinho. Ibaringã e Cambaí tornaram-se bons amigos e, sempre que as ocasiões se apresentavam, conversavam. O negro contava-lhe os horrores das senzalas e o indígena as delícias das tabas missioneiras.

Mútua confiança estabeleceu-se entre ambos e de tal sorte que não vacilaram em unir-se instintivamente, como o faziam os gauleses ao se juntarem eterna amizade. Só não repetiram o gesto desses "saldunes" porque não se ligaram por meio de correntes para que nem a morte os separasse.

Unidos dessarte, tramaram a fuga não apenas deles, o preto Manuel e Ibaringã, mas de quantos mais pudessem levar consigo.

Tudo estava preparado – contam – para, numa noite de luar fraco, formarem um levante e, desorientando os guardas e as próprias forças, se entranharam, em grupos de três e quatro pelas matas das margens do Vacacaí, do Salso, e pelas serrarias do Batovi e onde mais pudessem.

Entretanto, um acontecimento que os "inconfidentes" julgaram providencial, precipitou o que haviam combinado: o general dera ordem para que um piquete fosse caçar gado para munício da tropa e mandou que levassem, como auxiliares, a pé uma dezena de índios e alguns dos escravos.

Ao receberem esta ordem, todos os semblantes dos conluídos se abriram em sorrisos. E foram, esses sorrisos, como que o juramento final e a senha a execução do plano.

O piquete deveria contramarchar rumo ao sul, onde havia gado em abundância, pertencente aos índios de Santa Tecla. Atravessaram o Vacacaí no passo, e, aí, a dispersão se fez.

Aproveitando as matas marginais, pretos e indígenas por elas se embrenharam com gritos ferozes, que eram verdadeiros hinos à liberdade!

Houve tiros e correrias. Os soldados saltaram de seu pingos e iniciaram violenta perseguição aos fugitivos, enquanto o comandante da partida rumou em desabalada corrida a fim de pedir reforço e avisar do acontecimento.

Horas e horas durou a caça aos fugitivos. Alguns foram mortos a tiro. Dos pretos, dois foram presos, entre os quais Manuel. Também alguns indígenas. Ibaringuã, porém, não fora. Mas, vendo que seu aliado e amigo ficara nas mãos dos portugueses, resolveu atacá-los, ele e mais dois, a pedradas e longas varas à guisa de lanças. Certeiros tiros deitaram por terra dois, fugindo o terceiro. Ibaringuã ali ficara dormindo para sempre...

Mas no ardor da luta contra os três índios, Manuel conseguira fugir novamente. Entretanto, preso logo depois, foi apontado pelos companheiros de cativo como chefe da rebelião. E quando o reforço chegou, a sorte do prêto Manuel estava assentada: seria imediatamente morto e seus restos atirados, para exemplo, nas águas límpidas do Imbrajatuava em cujas margens estavam no momento.

O preto, amarrado ao tronco de uma árvore com fortes cipós, sentiu, pela última vez, os horrores do látigo: apanhou até ficar com o corpo lanhado que nem xarque! Era uma chaga só! As raízes da árvore, um mimoso pé de jequitibá, ficaram tintas de sangue. E dizem que por isso o jequitibá se tornou robusto e frondoso e é, ainda agora, um gigante das florestas gaúchas... Depois, arrastam o corpo do infeliz negro e o atiraram às águas do Imbrajatuava.

Desde esse dia, o rio que era bastante caudaloso, tornou-se brando e delicado. E os indígenas, em memória do fato passaram a denominá-lo "Cambaí-I", isto é, rio do Negrinho.

E o Cambaí, hoje múrmuro arroio que divide os municípios de São Gabriel e São Sepé, só em documentos do século XVIII traz ainda o nome pitoresco de Imbrajatuava – rio que tem a seus pés muitas árvores

frutíferas que também, contam, desapareceram de suas margens depois que suas águas serviram de sepultura ao corpo estraçalhado do infeliz "Cambai"...

*Santa Josefa* – Lenda que também pertence ao ciclo da escravidão. Aurélio Pôrto a denomina de lenda de Cachoeira e a conta em versos. Alcides Maya a cita como sendo comum de todo o Rio Grande, no que concorda Augusto Meyer, que acha um dos casos mais populares de assombração na nossa campanha.

Há um século talvez nossa gente reza contrita à Josefa, uma santa milagrosa. Nasceu no tempo da escravidão, era negra e seu senhor tanto a espancava, martirizava e surrava que a dor a santificou. Humilde e sofredora, quando o açoite do patrão rasgava-lhe a carne, punha os olhos num cantinho do céu, onde então, via Nossa Senhora. O heroísmo da negra escrava exasperava ainda mais a fúria do patrão perverso, que lhe aplicou novos e tremendos castigos que a negrinha resistia graças à Nossa Senhora. Possesso, o senhor inventa novos suplícios e, num dia de sexta-feira santa, manda a negra fazer sabão, o que ela obedece paciente, mas, assim que o tacho começou a ferver, o malvado atirou a escrava lá dentro e ela morreu logo; sendo enterrada, ainda tinha um sorriso nos lábios. Coragem dos que padecem. Muitos anos depois, em dia que um cachorro fuçando a terra, descobre o braço, resolvem exumar o cadáver da negrinha. Estava intata, com o mesmo sorriso, tão bonita e circundando-lhe a cabeça um estranho resplendor de luz celeste. Era a luz da lágrima bendita que deixara cair Nossa Senhora na escura frente da negrinha mártir.

O povo ao vê-la, assim, caiu de joelhos. Desde então, quem padece alguma graça impetra à negrinha, escrava, agora Santa Josefa, pois a todos ela atende. As promessas, as velas, os pedidos, as súplicas para Santa Josefa, santificada pelo sacrifício constituem devoção popular da gente do campo. Devoção e assombração, lembrando o Negrinho do Pastoreio.

*Negrinho do Pastoreio* – É a mais encantadora lenda do Rio Grande, está associada ao ciclo do cavalo e quase todos os escritores regionalistas a trataram de uma maneira ou doutra, mas a versão realmente bela é a de Simões Lopes Neto, no seu livro *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*.

Era uma vez um estancieiro muito rico, entretanto sovina a mais não poder, tendo mesmo se celebrizado como o maior unha de fome da

terra. Os campos do Rio Grande, naquele tempo eram ainda abertos, não havia, entre eles, nem divisas nem cercas e a gadaria andava xucra. Só para três viventes, o miserável olhava nos olhos: para o filho, um menino feio e mau, para um baio cabos negros, seu parreheiro de confiança, e para um escravo, pequeno ainda, muito bonitinho e preto como carvão e a quem todos chamavam somente o – Negrinho. A este não deu padrinho nem nome; por isso o Negrinho se dizia afillhado da Virgem Maria, Senhora Nossa, que é a madrinha de quem não a tem.

O Negrinho, todas as manhãzinhas, cedo, galopava o parreheiro baio, depois cuidava das coisas do patrão e, à tarde, o menino sempre judiava dele.

Um dia, depois de acaloradas discussões, o estancieiro forreta, atou um carreira com um seu vizinho. As peripécias sem fim, o ridículo que fez antes e depois e, finalmente, a cena humilhante na hora de perder, foram medonhas, uma vez que o Negrinho servindo de jóquei no baio do estancieiro podre de rico, não ganhou a carreira.

Não venceu, ficou sem as mil onças do jogo, e o estancieiro, então, imaginou terrível vigança contra o Negrinho, que montara o cavalo.

Apenas chegou em casa, mandou amarrar o Negrinho, pelos pulsos num palanque, dar-lhe uma enorme surra de relho e, na madrugada, saiu com ele, o soltou no alto da coxilha, dizendo-lhe que trinta quadras tinha a cancha da carreira, assim o Negrinho ficaria trinta dias pastoreando sua tropilha de trinta tordilhos negros, e o baio de piquete na soga e o Negrinho na estaca.

As torturas, o sono, as aves agoureiras, as estrelas do céu e o escuro da noite envolveram o Negrinho, que teve que se haver também, com outros bichos, sombras, ventos e tudo que era ruim. O baio e a tropilha desapareceram, o Negrinho perdeu o pastoreio e o menino horroroso foi lá ver, voltou e contou para o pai que os cavalos não estavam.

O Negrinho recebeu outra vez os castigos de apanhar de relho, ser amarrado e, durante a noite fechada ordenaram campeasse o perdido.

O Negrinho pensou em Nossa Senhora, foi ao oratório da casa, tomou o toco de vela aceso em frente da imagem e saiu para o campo.

Percorrendo todos os lados da enorme fazenda, o Negrinho, por onde passava, a vela benta ia pingando cera no chão e de cada pingo nascia uma nova luz.

Então clareou, o Negrinho montou o baio, reuniu a tropilha de cavalos, na coxilha, que mandara o patrão e assim achou o pastoreio, o

que deixou o Negrinho muito satisfeito, e adormeceu encostado ao cupim.

O menino rico veio e esparramou o rebanho, foi para a estância e disse ao pai que os cavalos não estavam lá.

De novo repetiram-se as maldades contra o Negrinho, pareceu então, que ele tinha morrido, mas já era de noite e, para não se gastar a enxada em fazer uma cova, o estancieiro mandou atirar o corpo do Negrinho numa panela de um formigueiro, tendo, antes, o cuidado de assanhar bem os bichinhos. E a morte incrível do Negrinho na panela do formigueiro, logo se espalhou.

Contudo o estancieiro teve, nas três noites seguidas, uns sonhos terríveis e esquesitos. Sempre com cerração, a peonada, por mais que procurasse, não encontrou nem rastro da tropilha.

O Senhor foi ao formigueiro, e aí sua surpresa o assombrou; o Negrinho está vivo, sacudira as formigas, ficara com o baio perto, a tropilha de trinta tordilhos toda junta e, ao lado da Virgem Nossa Senhora. O estancieiro caiu de joelhos diante do escravo e o Negrinho, sarado e risonho, pulando em pêlo e sem rédeas, no baio chupou o beijo e tocou a tropilha a galope. E assim o Negrinho pela última vez achou o pastoreio. E não chorou e nem se riu.

A história do milagre logo correu mundo e, daí por diante quando qualquer cristão que perdia uma coisa, o que fosse, pela noite velha, o Negrinho campeava e achava, mas só entregava a quem acendesse uma vela à Nossa Senhora.

Desde então, o Negrinho cruza campos e cidades, sempre à procura dos objetos perdidos, pondo-os de jeito a serem achados pelo seus donos, quando estes acendem um coto de vela e vão lhe dizendo foi por aí que eu perdi. E se ele não achar... ninguém mais.